



O SISTEMA RESPONSIVO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO BRAZILIAN PORTUGUESE RESPONSIVE SYSTEM

Lilian Teixeira de Sousa (UFBA)

RESUMO

Uma diferença marcante entre as línguas diz respeito à forma com que perguntas sim-não são respondidas: com partículas em francês, verbos-eco em irlandês e pela combinação de partículas e verbos-eco no Português. Essa distinção tem recentemente atraído a atenção da área da Teoria Gerativa. Holmberg (2013, 2016), por exemplo, afirma que a sintaxe das respostas a perguntas sim-não é em grande parte similar à sintaxe das perguntas. De acordo com o autor, a distinção tipológica entre sistemas baseados na verdade e sistemas baseados na polaridade está relacionada à posição que a negação ocupa; língua com um consistente sistema baseado em polaridade só apresentam negação média ou alta, enquanto línguas com um sistema baseado em verdade só apresentam negação baixa. Há ainda línguas como o inglês, que apresentam variação entre negação alta e baixa. O objetivo deste artigo é discutir qual o tipo de sistema responsivo do português brasileiro (PB), considerando que o PB apresenta três tipos de negação, dependendo do número e posição de itens negativos na sentença – Neg VP; Neg VP Neg e VP Neg.

PALAVRAS-CHAVE: Fragmento de resposta; Polaridade; Negação; Português Brasileiro.

ABSTRACT

A remarkable difference between languages is the way yes-no questions are answered: particles in French, echo-verbs in Irish and a combination of particles and echo-verbs in Portuguese. This distinction has recently received attention in the generative framework. Holmberg (2013, 2016), for instance, claims that the syntax of answers to yes-no questions is to a large extent the same as the syntax of questions. An important consequence of his studies, however, concerns the syntax of negation. According to the author, the typological distinction between truth-based systems and polarity-based systems is related to the position negation occupies; languages with a consistently polarity-based system only have middle or high negation, while languages with a truth-based system have low negation. There are also languages like English, which has variation between a high and a low negation. The aim of this paper is to discuss which kind of responsive system Brazilian Portuguese (BP) has, by taking into account that BP exhibits three types of negation, depending on the number and position of negative items – Neg VP; Neg VP Neg and VP Neg.

KEYWORDS: Fragment Answers; Polarity; Negation; Brazilian Portuguese.



Introdução

O estudo linguístico de respostas se concentrou historicamente na área da pragmática, com foco para a relação entre o tipo de resposta e o contexto enunciativo. Nas últimas décadas, no entanto, esse tem sido um tema recorrente também na área da sintaxe gerativa, a partir, principalmente, de abordagens que consideram esse tipo de enunciado como estruturas elididas. De uma forma ou de outra, uma série de tipologias de respostas são apresentadas. Por um lado, há estudos como o de Farkas e Bruce (2010), que analisam semelhanças e diferenças de reações a asserções e a perguntas polares, estabelecendo uma tipologia de respostas. Por outro, há os trabalhos de Holmberg (2013, 2016), que considera que a sintaxe das respostas é a mesma das perguntas. Para esse autor, há elipse mesmo quando a língua faz uso de partículas como respostas e as diferenças entre as línguas em relação ao tipo de resposta está relacionada à posição que a negação ocupa na estrutura de cada língua.

Como sabemos, o português brasileiro (PB) exhibe três diferentes tipos de estruturas negativas – [Neg VP], [Neg VP Neg] e [VP Neg], sendo essa última estrutura exclusiva para respostas negativas em alguns dialetos. Considerando o papel central que a negação ocupa nas abordagens voltadas para o estudo de respostas, o presente artigo tem como objetivo apresentar os tipos de respostas possíveis no PB, especialmente no PBD(ialetal), e discutir se os dados podem ser explicados pelas teorias vigentes.

O artigo está organizado da seguinte forma: Na seção 2, tipologia de respostas, são apresentadas duas das principais teorias sobre respostas – Farkas e Bruce (2010) e Holmberg (2013, 2016). Na seção 3, O sistema Responsivo do PB, apresentamos os principais tipos de resposta na língua para discutir as contribuições e questões que os dados do PB trazem para o estudo de respostas. E, por fim, na seção 4, são apresentadas as Considerações Finais.

Tipologia de respostas

Farkas e Bruce (2010) tratam, principalmente, de respostas, ou melhor de reações a asserções e/ou a perguntas polares. Segundo os autores, asserções e perguntas polares são similares por permitir reações – confirmando ou revertendo o que está sendo enunciado, mas são diferentes quando se considera o comprometimento (*commitment*) presente nas asserções, mas não em perguntas polares. Veja abaixo (ex. 2-3 de Farkas e Bruce, 2010):

Anne: Sam is home.

Sam está em casa.

Ben: Yes/Yeah, he's home./No, he isn't home.

Sim/Sim, ele está em casa./Não, ele não está em casa.

Anne: Is Sam home?

Sam está em casa?

Ben: Yes/Yeah, he's home./No, he isn't home.

Sim/Sim, ele está em casa./Não, ele não está em casa.

Segundo os autores, embora nos dois casos seja possível usar o mesmo tipo de conteúdo, o efeito da resposta é diferente, porque, diferentemente de uma asserção, uma pergunta polar não conta com o comprometimento do falante em relação à verdade da proposição. Assim, enquanto as respostas em (2) são ambos movimentos conversacionais esperados, a reação negativa de Ben em (1) leva ao que os autores chamam de crise conversacional, já que, nesse caso, a veracidade da proposição “*Sam is home*” (Sam está em casa) é colocada em xeque.

Farkas e Bruce (2010) assumem dois mecanismos fundamentais que direcionam conversas, (i) a necessidade de acrescentar elementos ao conhecimento partilhado (*common ground*) e (ii) alcançar estabilidade, o que ocorre a partir do conhecimento partilhado. Assim, quando dois participantes iniciam uma conversa, uma questão é colocada e para se alcançar novamente estabilidade é necessário que a questão seja resolvida com novos elementos sendo acrescentados ao conhecimento partilhado. A maior contribuição dos autores no tema, no entanto, está na inclusão da noção de comprometimento. Segundo apontam, uma proposição p (ex. Sam está em casa) é resolvida em relação ao conhecimento partilhado cg se e somente se p parte do comprometimento do falante com a verdade da proposição (Anne acredita ser verdade que Sam está em casa). Isso significa que uma asserção projeta uma confirmação como um conhecimento partilhado futuro que inclui uma proposição assertada (Sim, Sam está em casa). Já uma pergunta polar projeta um conjunto de futuros conhecimentos partilhados (Sam está em casa, Sam não está em casa), já que não conta com o comprometimento do falante como ocorre com a asserção. Com isso, pode se dizer que asserções ([D]) e perguntas polares ([I]) são similares por haver um efeito sobre o conjunto de proposições, mas se diferem porque asserções só projetam uma proposição (Sam está em casa[D]; { p }), enquanto perguntas polares projetam um conjunto de proposições possíveis (Sam está em casa[I]; { p , $\neg p$ }).

Dessa forma, observa-se que uma asserção requer consistência, o que significa dizer que algumas proposições são assumidas como verdadeiras no contexto da conversa. É por esse motivo que Farkas e Bruce (2010) afirmam que asserções projetam confirmação como *default*, i.e., a confirmação é o movimento conversacional menos marcado. Consequentemente, a contradição ou denegação¹ são movimentos conversacionais mais marcados. Mais concretamente, os autores assumem que uma estrutura discursiva K contém um conjunto de proposições DC_X para cada participante X na conversa, feita a partir das proposições que X apresentou comprometimento no decorrer da conversa e que não são partilhadas por todos os participantes. Adicionalmente K

¹ Para os propósitos deste trabalho contradição e denegação são tratados como sinônimos.

contém um conjunto de proposições, cg , cujos elementos são proposições que foram confirmadas por todos os participantes da conversa, assim como um conjunto de proposições já conhecidas. Dessa forma, o conjunto de comprometimentos discursivos de um participante X é $DC_X \cup cg$.

É importante dizer, no entanto, que os comprometimentos discursivos não têm que estar corretos, o que significa dizer que eles não têm que ser fatos verdadeiros no mundo, mas que são assumidos como verdadeiros na perspectiva da conversa. Nesse contexto, um participante é considerado coerente se e somente se seu comprometimento discursivo é consistente; e um discurso cujo cg é inconsistente é um discurso em crise.

Comparando asserções com perguntas polares, é certo dizer que asserções são enviesadas em favor da proposição denotada pela sentença, enquanto as perguntas polares não. Por isso, Farkas e Bruce (2010) argumentam que asserções têm como propriedade, além da confirmação, a possibilidade de contradição. Como, no entanto, é possível que os participantes de uma conversa concordem em discordar, os autores diferenciam os traços de polaridade relativa [*same*] e [*reverse*], que dizem respeito respectivamente aos movimentos de confirmação e contradição, dos traços de polaridade absoluta [+] e [-]. Esses últimos referem-se, respectivamente, a respostas compostas de uma sentença afirmativa e respostas compostas de uma sentença negativa. Os dados abaixo, retirados de Farkas e Bruce (2010, p.20 (34-35)) ilustram a combinação desses traços:

Anne: Sam is home. / Is Sam home?

Sam está em casa./ Sam está em casa?

Ben: Yes, he is. ([*same*, +])

Sim, ele está.

Connie: No, he isn't. ([*reverse*, -])

Não, ele não está.

Anne: Sam is not home./Is Sam not home?

Sam não está em casa/ Sam não está em casa?

Ben: Yes, he is. ([*reverse*, +])

Sim/Sim, ele está.

Connie: No, he isn't. ([*same*, -])

Não, ele não está em casa.

Observem que, nos dados acima, para ilustrar o efeito da combinação dos traços [*reverse*, +] e [*same*, -] os autores recorrem à negação. Isso mostra que a negação tem o

papel de reverter a polaridade do movimento de confirmação de asserções, que passa de p a $\neg p$, e geram viés em perguntas polares, normalmente não enviesadas, que passam a projetar confirmação como movimento conversacional *default* e apresentar como conjunto de futuros conhecimentos partilhados $\{\neg p, \neg(\neg p)\}$. Para Farkas e Bruce (2010), contradições são movimentos conversacionais mais marcados porque a proposição do autor de uma contradição não pode se tornar comprometimento conjunto em discurso coerente sem a retratação por parte do outro participante ou se os participantes concordam em discordar, o que envolve remover da mesa as proposições, negativa e afirmativa, sem removê-las da lista de comprometimentos relevantes. É nesse ponto que a noção de comprometimento é importante, já que separar a lista de comprometimentos do conhecimento partilhado é crucial para capturar o fato de que, depois de concordar em discordar, uma conversa não está em crise.

Seguindo os argumentos de Walker (1996), Farkas e Bruce (2010) afirmam ainda que, diferente das confirmações, as contradições, por serem movimentos conversacionais mais marcados, precisam ser explícitas e sinalizadas. As contradições podem ser sinalizadas através de marcadores como ‘de jeito nenhum’ ou ‘definitivamente não’ em asserções, mas podem ser realizadas a partir da adição de uma proposição negativa ($\neg p$) ao comprometimento discursivo do participante. Ainda segundo os autores, há línguas como o romeno que apresentam um tipo de partícula específica para expressar contradição ([*reverse*, +]):

Ana: Horea e acasă?

Horea está em casa?

Petru: Nu, nu e./*Ba nu, nu e.

Não, não está.

Ana: Horea e acasă.

Horea está em casa.’

Petru: Nu, nu e./Ba nu, nu e.

Não, não está.

Como vimos até aqui, a principal diferença em uma asserção e uma pergunta polar é que essa última não é enviesada para a confirmação, não podendo apresentar, portanto, contradição. Os dados apresentados em (5-6) mostram que a partícula *ba* no romeno é uma partícula de contradição, que, diferente no *nu* (não), só pode ser usada quando o contexto projeta confirmação. Assim, o romeno está entre as línguas que apresentam uma partícula exclusiva para contradição contendo os traços [*reverse*, +]. Esse tipo de partícula ocorre em outras línguas como no francês (*si*) e no alemão (*doch*), mas não está presente em todas as línguas que utilizam partículas como resposta. Há línguas, como o inglês, que só apresentam partículas sensíveis à polaridade (*yes*

e *no*), o que significa que essas partículas marcam simultaneamente os traços [*same*] e [+] ou [*reverse*] e [-], sendo o tipo de resposta influenciado pelos traços de polaridade introduzidos no contexto precedente:

Q: Is John tired?

A1: **No**, John is **not** tired.

A2: **Yes**, John is [**AFFIRM**] tired.

Para os autores, partículas polares como *yes* e *no* ocupam a posição mais à esquerda da sentença, batizado de PolP, que codifica os traços de polaridade relativa e absoluta de uma resposta. O nó irmão de PolP, nessa proposta, é CP, com o qual concorda em polaridade.

Além das línguas que apresentam partículas de contradição e aquelas que apresentam apenas partículas de polaridade, há língua como o japonês, que comportam partículas que só sinalizam polaridade relativa, isto é, [*same*] e [*reverse*]. Nesse caso, as partículas confirmam ou rejeitam a proposição do contexto, mas, ao contrário do inglês, não concordam com a polaridade da sentença.

Para Holmberg (2016), retomando os trabalhos de Kuno (1973) e Jones (1999), a diferença entre as línguas descrita acima tem a ver com diferentes sistemas de respostas, um sistema baseado na polaridade e um sistema baseado na verdade. O autor não faz referência a asserções e trata apenas de perguntas polares, mas distingue perguntas polares neutras de perguntas polares negativas. Assim como descrito por Farkas e Bruce (2010), Holmberg (2016) afirma que perguntas polares neutras colocam para o interlocutor um conjunto de proposições alternativas, p e $\neg p$, esperando que o interlocutor diga qual dela é a verdadeira, mas se há negação presente, a pergunta deixa de ser neutra e passa a ser enviesada em relação a uma das respostas. Com isso, o conjunto de proposições projetado por uma pergunta polar negativa passa a ser $\{\neg p, \neg(\neg p)\}$, como já apontado anteriormente. A diferença entre as línguas fica evidente quando se observa a resposta a perguntas polares desse tipo, comparando o sueco e o cantonês, por exemplo, vemos que enquanto o sueco responde com a negação mantendo a polaridade da pergunta para realizar a confirmação, o cantonês faz o oposto usando uma partícula afirmativa:

Q: Dricker Johan inte kaffe? [sueco]

bebe Johan não café

‘Johan não bebe café?’

A: Nej.

não (‘Ele não bebe café.’)

Q: John m jam gaafe? [Cantonês]

John não bebe café

‘John não bebe café?’

A: hai

Sim (‘John não bebe café.’)

No sueco, a partícula negativa é usada para confirmar que a alternativa negativa $\neg p$ é a verdadeira, já no cantonês é uma partícula afirmativa que confirma a alternativa negativa. Essa seria a evidência de que o sueco apresenta um sistema de respostas baseado em polaridade, enquanto o cantonês apresentaria um sistema baseado em verdade. Isso porque no sistema do sueco, e também no do inglês, a partícula de resposta concorda com a polaridade da proposição (ver exemplo (7)).

Embora as abordagens de Holmberg (2016) e Farkas e Bruce (2010) sejam parecidas em alguns pontos, Holmberg não trata a diferença entre as línguas em termos de traços presentes nos itens de polaridade como fazem Farkas e Bruce. Para Holmberg (2016), a diferença está na posição que a negação ocupa em uma e outra língua. Isso porque, para esse autor, respostas, sendo parasitas às perguntas, apresentariam a mesma estrutura sintática com a diferença de apresentar conteúdo elidido. Assim, se há negação na pergunta haverá também na resposta. A evidência disso para o autor está na marcação de caso no finlandês, que repete o mesmo padrão da pergunta:

Q: Kenet Jussi tapasi?

Quem-ACC Jussi encontrou

‘Quem Jussi encontrou?’

A: Marja-n.

Marja-ACC

Marja [Jussi tapasi <Marjan>].

Holmberg (2016) propõe ainda que a estrutura sintática de perguntas polares inclui uma variável livre com dois valores possíveis, a variável $[\pm\text{Pol}]$:

$[_{CP} \text{ do } [_{IP} \text{ you } [\pm\text{Pol}] \text{ want tea}]]$

A sentença acima poderia ser descrita da seguinte forma: ‘Qual o valor de $[\pm\text{Pol}]$ tal que ‘você $[\pm\text{Pol}]$ quer chá’ é verdade? Nesse caso, a resposta *yes* ou *no* atribui um valor à variável da pergunta resultando em uma proposição verdadeira – *yes* significa $[\text{+Pol}]$ e *no* $[\text{-Pol}]$. Assim, a resposta é, em casos não marcados, composta do mesmo conteúdo proposicional da pergunta, sintaticamente codificando o mesmo PolP, mas na resposta o traço de polaridade estaria

especificado na posição de foco sentencial, que atribui um valor ao núcleo de polaridade no IP. O IP na resposta é tipicamente deletado a partir da identidade com o IP da pergunta, o que leva a uma FF² composta por uma única palavra pronunciada, codificando o valor da polaridade focalizada.

Q: Is John coming?

A: Yes [John is coming]

[_{FocP} yes Foc [_{PolP} John [+Pol] is coming]]

Aqui é importante dizer que, para Holmberg (2013, 2016), toda sentença finita tem um traço de polaridade concatenado ao núcleo mais alto no domínio de IP. O traço de polaridade é concatenado sem ser valorado e seu valor só é atribuído no curso da derivação sintática, o que formalmente pode ser traduzido por um traço não valorado que age como uma sonda procurando por seu domínio de c-comando e checando seu traço com uma categoria com o traço valorado. O fato de a categoria PolP de Holmberg estar presente em toda sentença declarativa a torna, nas palavras do próprio autor, equivalente à categoria de finitude proposta por Rizzi (1997), sendo, portanto, uma categoria distinta da proposta por Laka (1994) e também por Farkas e Bruce (2010).

Até aqui tratamos de respostas compostas por partículas, mas o fato é que a grande maioria das línguas do mundo faz uso de verbos-eco para responder a perguntas polares; é o caso do sueco, do finlandês e de todas as variedades do português, por exemplo. Nesse caso, fica ainda mais evidente a existência de elipse, já que o verbo é flexionado da mesma maneira que o verbo finito da pergunta, correspondendo a uma sentença declarativa completa. A proposta de Holmberg para esse tipo de língua é que, nas respostas afirmativas compostas de verbo-eco, o verbo carrega o traço de polaridade valorado, enquanto nas respostas negativas é a negação sentencial que carrega esse traço.

Nesta proposta, respostas a perguntas polares empregam, como vimos, o mesmo PolP da pergunta, mas, ao invés de um traço de polaridade não-valorado movido para CP, o traço de polaridade é concatenado valorado com FocP. Se a sentença é afirmativa, o traço de polaridade não tem matriz fonológica inerente. Na verdade, ela viria com um traço fonológico vazio e copiaria a matriz fonológica do núcleo abaixo mais próximo, que é o verbo adjunto à polaridade. Isso proveria o traço necessário para pronunciar o núcleo focalizado, já que Foco precisa ter uma expressão em FF. O núcleo de polaridade focalizado atribui seu valor ao núcleo Pol não especificado, o que resulta em uma sentença declarativa afirmativa como resposta. Já nas respostas negativas, o núcleo de polaridade negativa marcado é concatenado externamente na posição de foco e a esses traços são atribuídos valores pelo núcleo de polaridade sentencial. Em finlandês essa operação ficaria evidente porque o núcleo [-Pol] já conta com um conjunto de

2 Forma Fonológica.

traços-φ não valorados (pessoa e número):

Q: Luit-ko sinã sen kirjan?

leu-[±] você aquele livro

A: E-n.

NEG-1SG

‘Não.’

Retornando às perguntas negativas, vimos que esse tipo de pergunta denota a disjunção entre $\neg p$ e $\neg(\neg p)$, uma proposição negativa e sua negação. A proposição $\neg p$ é em termos de condições de verdade equivalente a p , assim, perguntas negativas e neutras são em certo sentido semanticamente equivalentes. A diferença, segundo Holmberg (2013, 2016), é que na pergunta neutra p é a proposição alternativa primária, enquanto na pergunta negativa é $\neg p$, sendo proposição primária aquela que é negada por outra proposição, ou seja, é a alternativa não marcada. Assim, em perguntas negativas, a resposta ‘confirma’, e não simplesmente ‘afirma’, uma das alternativas. Isso significa que nos sistemas de respostas baseados em verdade, o termo ‘sim’ convém concordância com a expectativa da pessoa que faz a pergunta, enquanto nos sistemas baseados em polaridade é o ‘não’ que realiza essa tarefa. Esse fenômeno nas línguas de sistema baseado em polaridade é geralmente chamado de neutralização negativa. Segundo Holmberg, no entanto, haveria línguas como o inglês que apresentariam um sistema misto, apresentando ora ‘sim’ ora ‘não’ para confirmar a verdade da alternativa negativa.

Kramer e Rawlins (2012) foram os primeiros a perceber que há variação de respostas a perguntas negativas a depender da posição da negação na pergunta no inglês, segundo observam o *not* em perguntas polares negativas é sistematicamente usado para transmitir expectativa de respostas negativas. Holmberg (2013), no entanto, observa que falantes reagem de forma diferente quando se considera a posição da negação como apresentado nos dois conjuntos de dados abaixo:

a. Isn't John coming?

b. Don't you speak French?

c. Isn't this cake good?

a. Is John not coming?

b. Do you not speak French?

c. Is this cake not good?

Segundo aponta, embora para muitos falantes as perguntas em (15) transmitam

inequivocamente a expectativa de uma resposta positiva, nem todos confirmam essa interpretação. Para esses falantes, no entanto, para transmitir uma expectativa de resposta negativa, as formas em (16), nas quais se usa *not* ao invés de *n't*, podem ser usadas. Ou seja, nem todos concordam a interpretação para as questões em (15), mas todos confirmam que os dados em (16) transmitem expectativa de respostas negativa.

Partindo do exposto, Holmberg (2013, 2016) explora a relação entre a posição da negação e a expectativa de resposta, positiva ou negativa. O autor avalia as variedades em que *n't* tem escopo ambíguo e conclui que a interpretação do escopo interno à sentença para esse item leva ao licenciamento do uso da partícula de polaridade *either* e transmite a expectativa de uma resposta negativa, já se a interpretação é não sentencial, o uso de *either* não é permitido e a expectativa é de uma resposta positiva. Para confirmar essa análise, o autor avalia ainda o efeito da inserção de um advérbio sob o escopo de *not* e verifica que nesse caso não há dúvida entre os falantes nativos de que *yes* confirma a alternativa negativa e *no* contraria:

Q: Did you purposely not dress up for that occasion?

‘Você não se vestiu para a ocasião de propósito?’

A1: Yes. (‘Sim. Eu propositalmente não me vesti para a ocasião’)

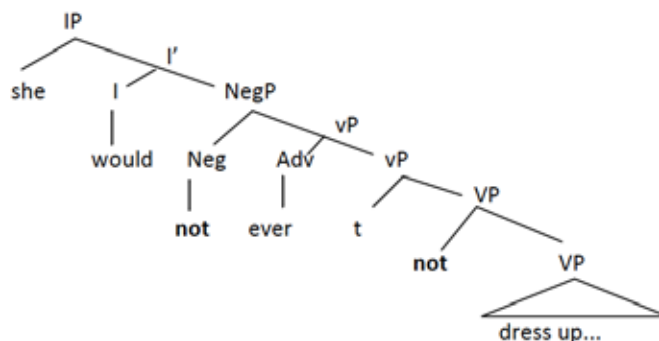
A2: No. (‘Não. Não foi de propósito que não me vesti para a ocasião’)

A partir desses dados, o autor conclui que a explicação para a neutralização negativa no inglês está relacionada às múltiplas posições possíveis para a negação na língua, podendo inclusive uma ter escopo sobre a outra:

You can't not like her.

‘Você não pode não gostar dela.’

Holmberg (2013, 2016) apresenta, então, três posições possíveis para a negação: negação alta, média e baixa. A negação alta (*n't*) estaria fora do IP, a média teria escopo sentencial, enquanto a negação baixa teria escopo apenas sobre o VP:



Lembrando que para o autor se a pergunta contém uma negação a resposta também terá, o PolP

elidido da resposta a uma pergunta negativa contém negação média, isso levaria a um conflito sobre quem valoraria o núcleo Pol no caso de uma resposta com *yes*. Isso porque a negação estaria tão próxima do núcleo Pol quanto a partícula em Foco, apresentando, porém, cada uma um valor, o que gera um conflito sobre que valor é atribuído a Pol:

[_{FocP} [yes, +Pol] Foc [_{PolP} John <is, T, ?Pol> [_{TP} <is, T> [_{NegP} not [_{VP} <is> coming]]]]]

Já se a negação está na posição mais baixa, com escopo apenas sobre o VP, a partícula em Foco passa a estar em melhor posição para atribuir o valor de Pol:

[_{FocP} [yes, +Pol] Foc [_{PolP} John [is, T, +Pol] [_{TP} <[is, T]> [_{VP} <is> [_{VP} not [coming]]]]]]]

Com isso, Holmberg (2013, 2016) conclui que a diferença entre as línguas que apresentam o sistema de resposta baseado em polaridade e o sistema baseado em verdade está na posição que a negação pode ocupar nessas línguas. Um sistema baseado em polaridade é um sistema que não apresenta negação baixa e uma propriedade desse sistema é que as partículas de resposta negativa podem ser formalmente não interpretáveis, recebendo seu valor ao entrar em uma cadeia de concordância com o traço interpretável da negação em PolP:

[_{CP} [no, uNeg] Foc [_{PolP} he [is, -Pol] [not, iNeg] [_{VP} coming]]]]]

A vantagem da proposta de Holmberg em relação à de Farkas e Bruce está na possibilidade de explicação dada a línguas com um sistema misto como o inglês. Essa proposta, no entanto, não trata da possibilidade de mais de um elemento negativo em concordância e nem com as possibilidades de diferença estrutural entre negações em asserções ou respostas, ambas características típicas do português brasileiro. É por esse motivo que passamos, na próxima seção, para a análise dos fatos do PB.

O sistema responsivo do português brasileiro

Há poucos trabalhos sobre o sistema responsivo do português brasileiro. Além de Oliveira (1982, 2000), Kato e Tarallo (1992) e Kato e Cyrino (2012), que tratam especificamente de tipos de resposta no PB, há ainda o trabalho de Biberauer e Cyrino (2009), que fazem referência a respostas ao tratar da negação sentencial no português brasileiro. O trabalho de Oliveira (1982) trata de questões relativas ao sujeito em respostas curtas a interrogativas polares, verificando que o sujeito nulo é possível quando o verbo sobe para uma posição mais alta no constituinte

frasal (resposta curta em que o verbo estaria em Σ^3) ou quando o verbo é seguido por um elemento (*sim/não*) que modifica seu conteúdo assertivo (confirmação enfática ou denegação), já o sujeito pleno ocorreria quando o verbo não apresenta elementos que modifiquem seu conteúdo assertivo. Kato e Tarallo (1992) também tratam das partículas polares do PB e afirmam que a partícula *sim* desempenha um papel diferente do de uma partícula positiva, sendo usado principalmente para expressar ênfase ou contradição:

Q: Você comeu o bolo?

A: Comi.

Q: Você **não** comeu o bolo.

A: Comi, **sim**.

Já Kato e Cyrino (2012) complementam os trabalhos anteriores ao tratar também de respostas a perguntas polares compostas por advérbios, comparando-as a estruturas com foco contrastivo:

a. Q: O João foi a Europa?

A: **Foi**.

b. Q: Vocês foram a Europa?

A: O João **sim**.

c. Q: O Pedro já foi a Europa?

A: **Já**

a. Pedro nunca foi à Europa, mas João **foi**.

b. Pedro nunca foi à Europa, mas João **sim**.

c. Pedro nunca foi à Europa, mas João **já**.

A partir desses dados, as autoras argumentam que esse tipo de resposta é derivado por elipse de TP com o movimento do verbo para Foco, conforme exemplificado abaixo:

$[_{FocP} [_{Foc} [_{Tp} eu_i / pro_i T/M [_{AspP} Asp [_{vP} t_i V\dots]]]]]$	
já _i	já _i
comprei _i	comprei _i
tinha _i	tinha _i

3 A categoria Σ é um outro rótulo para categoria Pol, conforme a proposta de Laka (1994).

sempre_isempre_i

As autoras, então, apresentam uma tipologia de respostas no português brasileiro, considerando a presença e a posição da partícula ‘sim’ em relação aos elementos em foco. Diferente dos trabalhos descritos acima, as autoras consideram que a interpretação da partícula ‘sim’ depende da sua posição em relação aos elementos em foco nas respostas. Segundo apontam, o ‘sim’ no início da resposta parece ter a função de expressar concordância e, por isso, as autoras o analisam como um item marcador de força (*Force*):

a. Sim, já. b. Sim, comprei. d. Sim, tinha. d. Sim, sempre.

[_{ForceP} [_F SIM [_{TopP} [_T NULL: TP [_{FocP} F [TP]]]]]

já

comprei

tinha

sempre

O ‘sim’ posposto, por outro lado, teria a interpretação já apontada por outros autores, ou seja, a de contradição. Nesse caso, Kato e Cyrino (2012) consideram que a sentença é movida para Tópico e é o ‘sim’ o elemento em Foco. Assim, esse tipo de resposta seria derivado via movimento do TP para TopP e a concatenação da partícula ‘sim’ à projeção de foco:

Q: O João não comprou o carro.

A: Ele/pro comprou (o carro), sim.

A: [_{TopP} [_{TP} *ele/pro comprou_i (o carro)*] [_{FocP} [_{Foc} *sim* [_{TP} *ele/pro* [_T *comprou_i* [_{VP} *ele/pro comprou_i o carro*]]]]]]]

Considerando o que foi apontado até agora, poderíamos dizer que a abordagem estrutural de respostas dá conta melhor dos dados do PB, já que a interpretação da partícula ‘sim’ parece depender de sua posição na estrutura sintática, pois, de outra forma, teríamos que dizer que essa partícula pode apresentar tanto o traço [*same*] quanto o [*reverse*] propostos por Farkas e Bruce (2010), já que pode ser usada tanto para confirmação quanto para contradição. Quando, no entanto, comparamos os dados de Kato e Cyrino (2012) aos dados do português brasileiro dialetal (PBD)⁴ percebemos algumas diferenças a começar pelo fato de que no PBD a partícula ‘sim’ preposta não coocorre com respostas verbais e quando está na posição posposta não apresenta necessariamente interpretação de contradição, como ocorre na variedade padrão.

4 Por português dialetal nos referimos a variedades que se distinguem do português padrão, mas que não compõem uma variedade nacional, as estruturas que apresentamos, embora sejam mais comuns no Nordeste, também são observadas em Minas Gerais, Rio de Janeiro e em algumas localidades do estado de São Paulo.

Também em relação à negação, vemos que apenas essa variedade apresenta a possibilidade de respostas negativas neutras compostas de verbo + não. Observe o quadro comparativo abaixo:

PB (Kato e Cyrino 2012)	PBD
Q: Você (já) tomou café?	Q: Você (já) tomou café?
A: a. (sim) Tomei.	A: a. Tomei (sim↓)
b. (sim) Já.	b. Já (sim↓).
c. (sim) EU já.	c. EU já (*sim).
d. (sim) Eu tomei.	d. Eu tomei (*sim).
A': a. Não, não tomei.	A': a. Tomei não.
b. Não, ainda não.	b. Ainda não.
c. Não, EU ainda não.	c. EU ainda não.
d. Não, EU não.	d. EU não.

A partir da comparação entre os dados do quadro acima, percebemos que o 'sim' posposto do PBD, e mesmo o 'não', não são elementos marcadores de contradição, podendo ocorrer como resposta a perguntas polares neutras, com a diferença que o 'sim' pode ser omitido, enquanto o 'não' é obrigatório. Assim, fica claro que a análise de Kato e Cyrino (2012) para o português brasileiro padrão não se aplica aos dados do PBD.

Um outro ponto relevante dos dados expressos no quadro acima é que o 'sim' posposto como resposta neutra no PBD tem entonação descendente, indicada através da seta (↓). Se, no entanto, a entonação é ascendente, aí sim temos a interpretação contrastiva tal qual ocorre na variedade padrão:

Q: O João não comprou o carro, né?

A1: Não.

A3: **Comprou.** Comprou sim↓.

A2: #Sim

A4: Comprou | sim↑

Os dados em (34) exibem ainda mais diferenças entre o sistema responsivo do PBD em relação à variedade padrão. Se, por um lado, nas duas variedades a resposta negativa composta apenas pelo 'não' tem a função de confirmar a proposição negativa da pergunta, como ocorre nas línguas de sistema baseado em polaridade; por outro lado, o PBD apresenta mais de uma possibilidade de expressar contradição. O dado em A3 mostra um tipo de resposta em que o verbo finito ocorre duas vezes acompanhado do 'sim' com entonação descendente e A4 uma resposta composta do verbo finito acompanhado da partícula 'sim' com entonação ascendente

e com a marcação de uma fronteira prosódica entre o verbo e a partícula. O dado em A3 ocorre quase que exclusivamente na variedade dialetal, mas não deve ser confundido com os dados do português europeu (PE), que apresenta uma estrutura parecida.

Um primeiro argumento nesse sentido parte justamente de diferenças entre o PE e o PBD no que diz respeito à posição do verbo em relação às partículas em contexto neutro ou enfático. No PBD, são possíveis respostas neutras compostas por ‘verbo + partícula’ com entonação decrescente, enquanto no PE apenas respostas a perguntas negativas, enfáticas portanto, podem apresentar essa configuração:

A: Comprou café?

B1: Comprei (sim) ↓ (#PE, PBD)

B2: Comprei não ↓ (*PE, PBD)

Já no caso de respostas a perguntas negativas, enviesadas em torno da confirmação de uma das alternativas, o PE pode apresentar tanto a estrutura ‘verbo + sim’ quanto a duplicação do verbo, mas nunca as duas coisas simultaneamente. No PBD, no entanto, a duplicação do verbo pode ocorrer com a partícula positiva para rejeitar a alternativa negativa:

Q: O João não comprou o carro não?

A: Comprou. (Comprou) sim.

Assim, observa-se que a partícula positiva e a duplicação do verbo no PE têm a mesma função, ocorrendo sempre como ênfase. Já no PBD, a duplicação pode coocorrer com a partícula, o que evidencia que essa tem funções diferentes nas duas línguas.

As respostas enfáticas do PE, segundo Martins (2013), envolvem sempre as categorias funcionais C e Σ , que precisam estar conjuntamente envolvidas na expressão sintática da polaridade enfática (entendida como asserção responsiva denegativa) e precisam ser ambas fonologicamente realizadas nas estruturas relevantes. O movimento de verbo em relação aos núcleos funcionais C e Σ mais a especificidade do léxico de polaridade seriam fontes de variação nas línguas românicas, só têm reduplicação verbal, as línguas que permitem movimento de verbo para Σ e movimento de verbo para C. Já a estratégia com o *sim*-final, só seria possível, segundo a autora, em línguas que permitem movimento de verbo para Σ .

A análise esboçada acima apresenta problemas quando analisamos os dados do PB, já que há bastante argumentos para dizer que o verbo no PB não ocupa uma posição tão alta quanto no PE, mas ainda assim apresenta a estratégia do *sim*-final. Cyrino (2013), por exemplo, retoma trabalhos que relacionam a riqueza de concordância ao movimento de verbo de V para T e mostra que o PB perdeu formas verbais sintéticas e tem exibido características de línguas que apresentam apenas uma forma para os três tempos (passado, presente e futuro). Conforme argumenta, o verbo no PB apresenta características não mais de tempo, mas de aspecto

(perfectivo, progressivo) e se move apenas parcialmente, para uma projeção mais baixa que TP, ou T1 em sua análise.

Retornando aos dados do PBD, percebemos ainda que essa variedade permite tanto a reduplicação verbal quanto o *sim*-final, mas mais relevante que o tipo de estrutura é a entonação, já que as partículas, por exemplo, ocorrem em respostas neutras. Se considerarmos, conforme aponta Holmberg (2016), que apenas o elemento em foco precisa ser realizado em casos de pergunta, já que o restante da estrutura pode ser deletado por condições de identidade, somos obrigados a dizer que é o verbo, único elemento presente em todas as respostas, o elemento em foco, mas se esse é o caso, qual seria a posição mais apropriadas para as partículas ‘sim’ e ‘não’ pospostas no PBD?

Para tentar responder à questão acima, considero duas características próprias de respostas do PBD: (i) a presença de partículas em respostas neutras e (ii) a reduplicação verbal acompanhada da presença da partícula ‘sim’ para a expressão de contraste. Se, como afirma a maioria dos autores, o verbo em respostas fragmentadas é a realização de Foco, então, o verbo mais alto na estrutura de reduplicação é o candidato mais adequado a ocupar essa posição, o que deixa a categoria PolP, nos termos de Holmberg (2016), como a posição ocupada pelo verbo mais baixo da cadeia, já que estando antes da partícula de polaridade não poderia estar em T e nem em Asp. A partícula ‘sim’ com entonação descendente, como apontado, não contribui para a interpretação de contradição e pode até ser omitida em respostas neutras. A função dessa partícula não parece ser diferente da sua contraparte negativa, o ‘não’ pós-verbal, que também ocorre como resposta neutra. Se o ‘sim’ e o ‘não’ ocorrem em respostas neutras e em posição pós-verbal, a única posição possível para eles é a exatamente a categoria PolP. Assim, poderíamos dizer que, no caso de reduplicação, o verbo subiria para uma posição mais alta para checar o traço de foco contrastivo, sugerindo assim uma estrutura derivada da seguinte maneira:

$[_{FocP} [comprou]_i [_{Foc} [_{PolP} [_{Pol} [comprou]_i [_{Pol} [sim] [_{TP} [_{T'} comprou]_i [_{VP} NULL: (O João comprou o carro)]]]]]]]]]]$

Já na estrutura composta pelo verbo mais o ‘sim’ com entonação ascendente, ao que parece, o verbo também é alçado ou copiado em Foc para gerar a interpretação contrastiva, o que é evidenciado pela entonação e também pela fronteira prosódica entre o verbo e a partícula. Nesse caso, poderíamos dizer que novamente o verbo está em Foc e a partícula em Pol, embora nesse caso, haja menos elementos independentes para favorecer a argumentação. Essa análise, no entanto, vai ao encontro do trabalho de Holmberg (2016), já que traz evidências para a interpretação de polaridade como um elemento próprio de declarativas. Isso porque o PBD realiza fonologicamente a polaridade, apresentando o ‘sim’ ou o ‘não’ depois de verbos-eco em respostas neutras. Sobre esse ponto, é relevante mencionar que várias línguas indígenas brasileiras apresentam partículas que, geralmente classificadas como partículas de afirmação ou de eventualidade, poderiam também ser interpretadas como partículas de polaridade, essa análise, no entanto, foge ao escopo deste trabalho.

Retomando o tema do movimento de verbo no PB, vimos que há argumentos fortes para

se afirmar que o verbo em sentenças declarativas está numa posição mais baixa do que no PE, tendo escopo sobre Aspect. Nesse sentido, cabe dizer que o movimento do verbo para uma posição mais alta seria uma característica apenas de respostas com contradição, já que nesse caso o verbo teria, além dos traços aspectuais, um traço de foco para ser checado. A análise sobre a derivação dessas estruturas, no entanto, precisa ainda ser refinada, considerando especialmente abordagens mais recentes sobre o movimento de núcleo em contexto de resposta⁵.

Uma outra questão relevante em relação à análise que está sendo esboçada até agora, é a possibilidade de esclarecer mais alguns fatos do PB, me refiro às diferentes estruturas negativas dessa variedade. Como já é bastante conhecido, o PB apresenta três estruturas negativas, que têm funções diferentes na língua – [Neg VP]; [Neg VP Neg] e [VP Neg]. Para Teixeira de Sousa (2012, 2015), a estrutura [Neg VP Neg] seria um tipo de negação semântica com escopo sobre proposições em oposição à [Neg VP], que teria escopo sobre eventos. Como uma proposição é definida como algo interpretado como verdadeiro e considerando ainda que essa estrutura não ocorre, como aponta a autora, em narrativas, mas em diálogos, temos um argumento extra para dizer que o ‘não’ final de sentença é a realização de PolP, segundo a proposta de Holmberg (2013, 2016).

A análise é ainda mais clara para a estrutura [VP Não], já que, como aponta Teixeira de Sousa (2012, 2015), a estrutura ocorre unicamente em contextos responsivos. Nesse caso, é possível argumentar que o ‘não’ dessa estrutura não é diferente do que está presente nas estruturas [Neg VP Neg], já que, como apontado neste estudo, seria a realização fonológica de Pol. Assim, a diferença entre as duas estruturas seria apenas a elipse presente em uma, mas não na outra, já que respostas, parasitas às perguntas ou asserções no contexto dialógico, vão sempre provocar apagamento em FF por condições de identidade. Isso nos leva, então, a uma distinção na proposta original de Holmberg (2013, 2016), uma vez que na proposta do autor Pol recebe a interpretação afirmativa por *default* e negativa via checagem de traços com a negação sentencial (Neg) ou Foco, no caso de respostas, no decorrer da derivação. Se o PBD realiza fonologicamente esse núcleo, a predição é que não deve haver conflito entre negação média e foco para a valoração da categoria. Essa análise prediz corretamente que o PB pode apresentar neutralização negativa mesmo sem apresentar negação baixa com escopo apenas sobre o VP como ocorre no inglês e, ainda, explica os vieses de perguntas polares contendo negação pré-verbal ou dupla:

*Eu tinha não ido à reunião.

A: Estou com fome.

B: Você não comeu bolo? (Não é possível que ainda esteja com fome)

5 Sobre o movimento de núcleo em contexto de elipse é importante mencionar que o tema é bastante controverso e há vários trabalhos recentes com discussões bastante interessantes a favor e contra a proposta, mas, por razões de espaço, não os detalho neste trabalho. Destaco, no entanto, os trabalhos de McCloskey (2017), sobre o irlandês, e Landau (2018), sobre o hebraico.

B': Você não comeu bolo não? (Deveria ter comido)

Considerações Finais

Neste trabalho, apresentamos algumas teorias que tratam das diferenças entre os sistemas responsivos de algumas línguas, principalmente os trabalhos de Farkas e Bruce (2010) e Holmberg (2013, 2016). Como vimos os autores apresentam pontos de vistas diferentes sobre o tema, Farkas e Bruce (2010) tratam das diferenças nos traços presentes em partículas responsivas das línguas, que justificariam os diferentes tipos de resposta. Para esses autores, as sentenças apresentariam dois tipos de traços, os de polaridade relativa [same] e [reverse], e os de polaridade absoluta [+] e [-]. Já para Holmberg (2013, 2016), as respostas a perguntas polares apresentam sempre a mesma estrutura da pergunta, mas com conteúdo elidido. Para esse autor, a diferença entre as línguas é estrutural, línguas que apresentam negação baixa teriam um sistema de resposta e línguas que só apresentam negação média teriam outro.

Ao apresentar os dados do PB e PBD, vimos que a abordagem estrutural explica melhor os fatos dessas variedades, já que é a posição estrutural mais do que os traços presentes nos itens que levam a uma ou outra interpretação.

Por fim, argumentamos que o PBD apresenta a realização fonológica de Pol, o que justificaria não apenas os tipos de resposta que a língua apresenta como também os diferentes tipos de estrutura negativa.

Referências

BIBERAUER, T.; CYRINO, S. Appearances are deceptive: Jespersen's Cycle from the perspective of the Romania Nova and Romance-based Creoles, paper presented at *Going Romance 23*, University of Nice, Nice, 2009.

BORSLEY, R; JONES, R. *Welsh negation and Grammatical Theory*. Cardiff: University of Wales Press, 2005.

CYRINO, S. M. L. On richness of tense and verb movement in Brazilian Portuguese. In.: Camacho-Taboada, V.; Jiménez-Fernández, A.; Martíns-González, J.; Reyes-Teredor, M. (eds) *Information Structure and Agreement*. John Benjamins, 2013, p. 297-317.

FARKAS, D.; BRUCE, K. On reacting to assertions and polar questions. *Journal of Semantics* v. 27, p. 81-118, 2010.

HOLMBERG, A. *The syntax of yes and no*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

_____. The syntax of answers to polar questions in English and Swedish. *Lingua*, v.128. Special Issue: Polarity emphasis: Distribution and locus of licensing, p. 31-50, 2013

JONES, B. M. *The Welsh answering system*. Moton de Gruyter, 1999.

KATO, M.A.; TARALLO, F. Sim: respondendo afirmativamente em português. In: PASCHOAL, M.S.Z.; CELANI, M.A.A. (eds). *Linguística Aplicada: da Aplicação da Linguística para uma Linguística Transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, pp. 259-278, 1992.

KATO, M.A. *Minimal answers and IP - remnant movement*. 2010 (apresentação oral)

KATO, M.A.; CYRINO, S. Minimal answers in Brazilian Portuguese. 2012 (apresentação oral)

KRAMER, R.; RAWLINS, K. An ellipsis approach to answer particles in positive and negative contexts, 2012.

KUNO, S. *The structure of the Japanese language*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 1973.

LANDAU, I. Missing objects in Hebrew: Argument ellipsis, not VP ellipsis. *Glossa: a journal of general linguistics*, v.76, p. 1-37, 2018.

LAKA, I. *On the syntax of Negation*. New York: Garland, 1994.

McCLOSKEY, J. Ellipsis, Polarity, and the Cartography of Verb-Initial Orders in Irish. In: ABOH, E.; HAEBERLI, E.; PUSKÁS, G.; SCHÖNENBERGER, M. *Elements of Comparative Syntax: Theory and Description*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. p. 99-151.

MARTINS, A. M. Emphatic polarity in European Portuguese and beyond. *Lingua*, v.128, p. 95-123, 2013.

OLIVEIRA, M. *Frases assertivas e suas variações nas línguas românicas: o seu papel na aquisição*. São Paulo: Humanitas, 2000.

POPE, E. N. *Questions and answers in English*. The Hague/Paris: Mouton, 1976.

RIZZI, L. The fine structure of left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed). *Elements of Grammar*, p. 281-337, Kluwer Academic Publishers, 1997.

TEIXEIRA DE SOUSA, L. *Sintaxe e interpretação de negativas sentenciais no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística), Unicamp, 2012.

_____. Three types of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 159, p. 27-46, 2015.

WALKER, M. Inferring acceptance and rejection in dialogue by default rules of inference. *Language and Speech*, v.32, n.2, p. 39-2, 1996.